

CHINA OUT OF THE BOX I

Sílvia Helena de Arruda Campos*

* Bacharelado pelo Instituto de Biociências da USP, licenciaturas curta e plena através da Faculdade de Educação da USP. Professora de Ciências e Biologia, Assessora dessas matérias para outros professores, com atuação na área de Educação Ambiental. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: shmac59@yahoo.com

Segunda quinzena de fevereiro de 2007. Depois de 5 horas num vôo noturno a partir de Singapura, desembarco em Shanghai¹, às 6h30min de uma fria manhã de final de inverno. No aeroporto estava me esperando a responsável pelo serviço de recolocação da agência contratada pela filial chinesa da empresa onde meu esposo trabalhava. Após as apresentações formais de praxe, louca por um banho e troca de roupa (não esperava tanto frio), pergunto:

“Muito longe daqui para o hotel? Gostaria muito de um banho quente e melhorar essa aparência amarrotada de viagem antes de encontrar com a família brasileira”.

Era meu primeiro compromisso de uma intensa programação de 6 dias destinada à apresentação da China. Minha missão era decidir se viria morar na cidade com a família ou não. Só pensava em como seria viver em Shanghai com três meninos: 16, 12 e 5 anos. Passaria os próximos dias visitando escolas, serviços médicos, supermercados, condomínios residenciais, restaurantes, checando o trânsito, as distâncias entre os diversos locais que poderíamos frequentar. Muita tensão, ansiedade, receios, dúvidas e preocupações desde novembro do ano anterior, quando a empresa considerou concluído o trabalho de meu esposo junto à divisão na Indonésia e o convidou para assumir um posto melhor aqui.

Porém, naquele exato momento, eu só pensava no meu banho quente, numa roupa limpa, quentinha e não amassada, em ficar 30 minutos na horizontal relaxando os músculos exaustos depois de horas de aeroporto e poltronas apertadas de avião.

“Bem, nós não vamos para o hotel já que a família que você vai encontrar mora aqui pertinho. Logo depois, estão confirmadas as visitas às duas escolas internacionais, também por aqui”.

¹ Shanghai em chinês simplificado 上海, ou ShangHai. em chinês antigo significa “a que fica acima do mar”, pois se localiza na costa central da China oriental, na foz do rio Yangtze.

Como eu fiquei olhando incrédula, ela acrescentou placidamente: “O hotel é do outro lado da cidade e não vale a pena cruzar tudo isso duas vezes no período que temos até seu primeiro encontro” (depois fiquei sabendo que existe um rio, o Huangpu, dividindo literalmente Shanghai em leste e oeste).

Uau! Ficamos mais de duas horas rodando de carro numa área cheia de condomínios, mas sem entrar neles, pequenas áreas comerciais e sei lá mais o que, já que não conseguia prestar atenção em nada, até a hora do compromisso. Não lembro o nome do casal que conversou comigo às 9 horas da manhã naquele dia, nem onde eles moravam. Aliás, nem seus rostos ou as dicas que eles me deram para facilitar minha vida aqui. Na saída, pedi para a responsável por minha visita abrir o porta-malas do carro, pois tinha trazido uma pequena lembrança de Jacarta que estava lá dentro, com minhas coisas. Levei um certo tempo para retirá-la em meio a casacos, bota, nécessaire... muito embaraçoso.

Na sequência, a primeira escola: SAS – Shanghai American School. Dois dos meninos ainda estudam lá e é excelente. A pessoa que me levou para conhecer a escola e explicou tudo sobre a mesma foi ótima, uma espanhola que já não está mais aqui faz tempo. Nessa altura, eu tinha despertado e estava interessadíssima na visita. Conversamos e rimos muito sobre a lógica chinesa de economia (dinheiro, tempo, esforço – não faz sentido ir e voltar uma grande distância num curto período quando já estou no lugar onde deveria estar) e comecei a relaxar um pouco. Não sei se porque ela entendeu meu desconcerto (devo ter falado sobre o banho, pois é o que ficou de mais marcante pra mim daquele dia, tanto é que estou escrevendo sobre ele agora), ou porque ela era latina como eu ou por conta das duas coisas. O resultado é que a entrevista demorou muito mais tempo do que o esperado.

A minha acompanhante checava o relógio o tempo todo e fazia mil ligações no celular; parecia aflitíssima. Por que estávamos quase na hora para a visita à segunda escola? Parecia que teríamos tempo suficiente.

“Vamos então?”, disse eu.

Ela: “Mas, e o almoço?”

“Bom, consigo pular uma refeição sem problema.” (Verdade, não houve nenhuma intenção de retaliação. Pelo menos não consciente).

“Certo, vou reconfirmar. Ainda deve dar tempo”.

Novamente algumas ligações rápidas. Entramos no carro, e dali a não mais que uns 20 minutos estávamos conversando com a responsável pela admissão na BIS – British International School, perfeitamente no horário agendado.

Eu não percebi nesse momento, mas havia me deparado com três aspectos básicos da cultura chinesa: eles decidem por você, sem nenhum constrangimento. De acordo com convenções, regras e normas estabelecidas, sabe-se lá quando e por quem. Só conhecem e vivem o mundo chinês. Caso contrário, se não há regulamentação sobre um determinado assunto, ou eles se recusam terminantemente a fazer algo inédito (“Não pode, não é assim” – sem um porquê claro ou coerente) ou eles ficam paralisados, atônitos e não tomam atitude alguma, esperando uma orientação.

No caso, era hora do almoço e chinês come. Obviamente minha acompanhante havia cancelado a visita à segunda escola, porque ninguém (ou seja, nenhum chinês) pula uma refeição. Com muita relutância, ela voltou atrás.

Ligado diretamente a isso, está o fortíssimo “lose face”, ou seja, perder o prestígio, ficar desacreditado, falhar. Por isso, chinês não erra nunca. Ele está sempre certo, sabe tudo, age corretamente. Se há algum problema, normalmente foi você o responsável e/ou se expressou mal e ele não pode entender. E, nessas horas, o fato de você não falar inglês como ele aprendeu é uma excelente desculpa. Porém minha acompanhante se deu mal, pois teve que remarcar a visita, já que eu não havia pedido para que fosse cancelada. E levou uma bronca de seu supervisor hierárquico imediato.

O terceiro ponto é fascinante e deve ser tratado com todo o respeito.

O chinês precisa comer. Eles ficam ansiosos e irritadíssimos se isso não acontece ou se passa muito da hora da refeição, além de perderem a energia e a vitalidade. A alimentação é levada super a sério. Aqui, no sudeste do país, são feitas três refeições principais, mas pode haver pequenos beliscos rápidos entre elas. O tempo destinado ao ritual da nutrição pode ser bem grande e, sempre que possível, coletivo. Difícil ver um chinês comendo sozinho. E eles comem muito fora de casa, na imensa maioria das vezes em restaurantes chineses. Há inclusive alguns imensos, prédios de 3 ou 4 andares, lotados ao redor das 11h e 18h. Eles comem muito cedo, excelente hábito por sinal. Há sempre muitas salas fechadas para famílias ou grupos que querem um ambiente mais reservado. São pedidos vários pratos diferentes, servidos em

pequenas porções, que são colocados no centro da mesa, muitas vezes sobre um prato circular giratório. Os alimentos são retirados dessas pequenas tigelas ou travessas diretamente com os pauzinhos e transferidos para as próprias tigelas, de onde comem. Quando comem certos alimentos como sopas, guisados ou mesmo o arroz grudento, levam a tigela bem próximo à boca e não se intimidam em beber diretamente dela, fazendo barulho. Não é um problema de etiqueta. Certos restaurantes mais sofisticados têm dois conjuntos de pauzinhos, uma dupla de cada cor: um deles é para que se sirvam das tigelas coletivas, o outro para si próprios. Além dos *chopsticks*, usam colheres; nada de garfos ou facas.

A comida deve ser a mais fresca possível, de preferência preparada na hora. O chinês, homem ou mulher, compra alimentos todos os dias, até mais de uma vez. As filas nos supermercados, a qualquer hora, são de carrinhos com apenas algumas poucas verduras, temperos e um frango, por exemplo. Há sempre, pelo menos, duas ou três vendinhas pequenas perto de onde você mora, onde quer que seja, ou um caminhão trazendo o que foi colhido no dia. Barracas de frutas, legumes, verduras e aves podem estar montadas em qualquer calçada e o movimento não para. As pessoas andam com sacolas de ingredientes nas ruas, voltando para casa depois do trabalho. Geralmente o jantar é em casa. Há ainda um cinturão verde bem grande ao redor de Shanghai e muitas residências possuem uma horta, podendo ser até mesmo numa pequena varanda ou no parapeito das janelas. Em muitas casas é possível ver galinhas, patos ou outras aves soltas nos jardins, inclusive nas áreas mais elegantes e caras da cidade.

Os chineses comem de tudo, basta estar vivo. E essa afirmação é literal: porco (maravilhoso, delicioso, magro, sem gordura), galinha, pombo, pato, marreco, carneiro, sapo, cachorro, cobra, enguia, todo tipo de peixe e frutos do mar, água viva, esponja do mar, pepino do mar (aliás, qualquer equinodermo), grilo, escorpião e por ai vai. Quanto mais fresco melhor. Espetinhos de escorpião ou grilo ainda se mexendo é uma iguaria. Barbatana de tubarão idem, caríssimo. Uma falta de educação tremenda recusar se você é convidado para jantar e a mesma está incluída no cardápio. Nenhuma preocupação com extinção; o consumo é cultural, tradicional (o problema é que aumentou incrivelmente devido ao enriquecimento da população). E as partes dos animais que são aproveitadas é um capítulo à parte: pés e cabeça de aves, com bico, olhos e tudo mais, traquéia, asas, cabeça inteira de porco etc. Tudo pode ser comido, porém carne de vaca e de peru quase não são consumidas. Na China há poucas áreas para

criação de gado, pois o país é montanhoso e com desertos, mesmo nas zonas rurais, além de ser extremamente frio, cerca de 6 meses por ano. É possível reacomodar porcos e galinhas no inverno num espaço reduzido, mas não há como fazer o mesmo para animais maiores. A exceção fica por conta dos naturalmente adaptados, como o iaque tibetano.

Até um supermercado internacional como o Carrefour, por exemplo, tem sempre uma seção onde você escolhe o animal que deseja, e esse pode ser levado ainda vivo para casa ou morto ali na hora. O pai de uma amiga chinesa me mandou duas galinhas vivas para fazer uma sopa especial, uma grande deferência. O animal é cozido inteiro, por mais de 6 horas, até que se desmancha por completo na panela. Por consideração ao fato de eu ser estrangeira, a sopa foi preparada para nós sem a cabeça, pés, asas e miúdos. Houve uma certa comisseração na família, pois principalmente meu filho mais novo ficou muito apegado a Dolores e Zizi durante o período que elas estiveram em casa e se recusou a comer a sopa. O pai de minha amiga nunca soube disso, para que não ficasse chateado e constrangido.

Porém, o mais importante na refeição são os legumes, verduras, cereais e, aqui no sudeste, o arroz. Um café da manhã tradicional consiste em sopa ou mingau de arroz acompanhado de outros grãos e algum legume salgado, leite ou derivado de soja, ovos cozidos, pão chinês, pastel ou outros tipos de comidas de farinha, cozidos ou fritos. O chinês não toma leite. Há atualmente uma campanha enorme de marketing tentando introduzir o iogurte na alimentação diária. No almoço e no jantar predominam os pratos sempre acompanhados de arroz, porque são mais leves, menos oleosos e menos temperados que os do norte do país. Como temperos, predominam a cebolinha verde, alho-poró, alho, gengibre fresco, pimentas, canela, anis, vinho, cogumelos e óleo de soja. Muita coisa cozida no vapor. Para uma família comum de três pessoas, sempre há quatro ou cinco pratos, uns de carne (geralmente frango, porco ou peixe), outros de legumes e uma sopa. Consume-se muita batata e batata doce, inhame, cará e até uma raiz parecida com nossa mandioca. Para minha surpresa e satisfação, é possível encontrar também batata roxa e chuchu. Nas ruas há carrinhos, como os de pipoca, vendendo batata doce, castanha, amendoim, espigas de milho, vagens ou outros alimentos assados, dependendo da estação.

A culinária chinesa, com mais de quatro mil anos de história, pouco perdeu de suas características, e mais veio a influenciar do que foi, de fato, influenciada. Ela está na origem da

cozinha japonesa, tailandesa e vietnamita, entre outros países do sudeste Asiático. E não tem nada a ver com a comida chinesa encontrada no Brasil, infinitamente superior, deliciosa (especialmente os legumes e verduras), saudável. Aprendi a apreciar e agora não consigo passar sem pelo menos um prato em cada refeição. Pelo menos uma vez por semana vamos a um restaurante chinês. Ao redor de onde moro há pelo menos uns 10, e todos muito bons.

A tradição estabeleceu que os alimentos não só devem acalmar o apetite, sendo que a nutrição vem em primeiro lugar, mas também devem ter propriedades curativas. Os chineses mantêm a crença tradicional no valor medicinal dos alimentos e que esses e os remédios têm a mesma origem. A comida chinesa se baseia no equilíbrio, YinYang. Além disso, baseia-se também nos 5 elementos, ou seja, estamos cercados por 5 campos de energia: cor, aroma e sabor têm a mesma importância quando se prepara cada prato. Normalmente, qualquer entrada combinará ingredientes com três a cinco cores diferentes (verde claro e escuro, vermelho, amarelo, branco, preto ou caramelo). Um prato de carne e verduras é preparado com um ingrediente principal e dois ou três secundários de cores contrastantes, da maneira adequada, usando os temperos e molhos corretos, com resultado esteticamente atraente e sabor harmonioso. Cada um dos cinco sabores estão relacionados às necessidades nutricionais dos cinco principais sistemas de órgãos do corpo (coração, fígado, baço, pâncreas, pulmões e rins), todos contemplados em cada refeição, o que enfatiza seu papel na boa saúde física. Muitas das plantas utilizadas diariamente, como alho-poró, gengibre fresco, alho, botões secos de margarida e cogumelos (a variedade é incrível) têm propriedades de prevenção e alívio de várias doenças. Gengibre fresco é obrigatório aqui em casa. A ligação dos 5 sabores com os elementos é: amargo – fogo, azedo – madeira, picante – metal, doce – terra e salgado – água.

Dá para entender o porquê minha acompanhante ficou completamente transtornada quando eu disse que pularia o almoço sem problema algum. Seu humor mudou, ela foi ficando cada vez mais quieta e pouco conversamos dali por diante. O motorista almoçou enquanto eu visitava a BIS, mas não ela que, por algum motivo, esteve do meu lado o tempo todo, sem necessidade aparente.

Terminada aquela etapa, iríamos finalmente cruzar a cidade para meu último compromisso daquele dia, uma reunião no departamento de RH da empresa responsável por nossa transferência e acomodação.

Cruzaríamos o rio Huangpu, que divide Shanghai em duas. Estávamos em Pudong², um distrito da cidade que até 1990 era somente uma área de cultivo no meio rural e com algumas poucas casas de veraneio, já que é limitado pelo Mar da China Oriental do outro lado. Fora isso, não havia nada nessa imensa área de 522,8 km², há 20 anos. Contrasta com Puxi, a parte velha da cidade, pois começou a ser desenvolvido, de acordo com os planos do governo, para abrigar na sua parte ocidental, ou seja, às margens do rio, o centro financeiro e comercial da China moderna, chamado de *Lujiazui Finance and Trade Zone*. Sua importância econômica hoje é enorme.

Alguns edifícios construídos em Lujiazui a partir daquela época são considerados marcos arquitetônicos e representam a prosperidade da área, como o Oriental Pearl Tower e o Jin Mao Tower, mas desde que aqui chegamos, vários outros foram inaugurados, entre eles o Shanghai World Financial Center (2008, 101 andares, 492m de altura), atualmente o quarto mais alto prédio do mundo. Além desses três, está em construção o Shanghai Tower (estrutura prevista de 632m, 128 andares), cujo projeto traz inúmeras inovações e é considerado modelo de construção verde, principalmente no que diz respeito à economia de energia, reciclagem dos materiais utilizados e da pouca distância em relação aos fornecedores dos mesmos, aproveitamento da água da chuva e reutilização da água depois de usada. Deverá ser inaugurado em 2014 e é bancado inteiramente pela prefeitura de Shanghai.

O conjunto de prédios, todos altos e super modernos, localizados nesse centro financeiro impressiona. Eles rodeiam o belo Lujiazui Park, quase na entrada do mais antigo túnel de ligação entre Pudong a Puxi.

Quem conheceu Pudong há 10 ou 20 anos, fica impressionado em constatar como a região cresceu e se transformou completamente no período. Além do centro financeiro, também foi implantada a maior zona franca da China Continental, Waigaoqiao, cobrindo cerca de 10 km², e a Jinqiao Export Processing Zone, uma área industrial (não poluidora) de 19 km².

² Pudong em chinês simplificado 浦东, ou PuDong, que significa literalmente “leste do rio (Huang)pu”.

Zhangjiang Hi-tech Park é a área onde estão as empresas de tecnologia e ocupa 17 km² bem no centro do distrito. Em 1999 foi inaugurado o Aeroporto Internacional de Pudong, o mais movimentado da China, com dois terminais imensos. Foi onde desembarquei. O “maglev”, ou trem bala de levitação magnética, foi inaugurado em 2004 e liga o aeroporto à linha 2 do metro, na estação próxima ao Jin Mao, quase entrando em Puxi, mas o chinês praticamente não usa o trem, pois acredita que as ondas magnéticas podem afetar seu corpo e provocar doenças, por isso, o trem circula praticamente vazio.

Moramos em Pudong, cuja qualidade de vida é bem superior à de Puxi, com menos trânsito, barulho, poluição e baixa densidade demográfica. A cidade toda é plana, mas Pudong conta com ruas e avenidas largas, de traçado reto, super verde e arborizado. É mais arejado e, por estar próximo do mar, há uma brisa constante também. A área parece ter saído diretamente daquele game para PC Sim City, perfeita. O que eu mais gosto daqui são as ciclovias por toda a parte. Vou de bicicleta aos lugares próximos, pois a maioria das faixas é totalmente separada daquelas usadas pelos carros e são seguras. Minha bike tem cesta na frente, a exemplo das dos chineses, e realmente facilita minha vida quando tenho que fazer compras, ir ao banco ou levar o Zezé, nosso cachorro, pra tomar banho.

Os gringos têm bikes e usam o tempo todo. Interessante notar que o número de bicicletas entre os chineses decresceu bastante nesses 5 anos. Não que tenham desaparecido. Com 1,4 bilhões de chineses, qualquer estacionamento está lotado delas. Só que agora há cada vez mais motos, motinhos e bicicletas elétricas, resultado também do enriquecimento rápido. Andar de bicicleta é sinônimo de baixo poder aquisitivo e olhado com certo desdém pelos próprios chineses. O valor atual é ter carro, de preferência com motorista. Quando chegamos aqui só havia Buick (marca da GM) e Passats (todo taxi era Passat, agora há um segundo modelo). De uns 3 anos pra cá entraram TODAS as marcas e TODOS os modelos. Nunca vi tanto Mercedes, Ferrari, Lamborghini, Porsche, BMW, Audi juntos. E todos grandões. Mesmo com a abertura dos 3 anéis viários em volta da cidade (foram construídos ou finalizados a toque de caixa para a inauguração da Expo 2010) e de todas as vias expressas aéreas (você pode andar por toda a cidade por cima), o trânsito cresceu muito. Na hora do rush, os elevados estão parados, imagine embaixo!

Pudong é conectado a Puxi por alguns túneis e cinco grandes pontes. A primeira das cinco pontes é a Nanpu Bridge (1991), seguida pela Yangpu Bridge (1993). A Xupu Bridge foi aberta em 1996. A última delas a ser inaugurada foi a Lupu Bridge, que se tornou a maior ponte arqueada quando concluída em 2002. O “pu” sempre se refere ao rio.

Eram quase 4 da tarde quando saímos da BIS e seguimos por uma dessas vias expressas, cruzando para Puxi³ pela Nanpu Bridge, a mais bonita delas na minha opinião. Estava começando a escurecer, por causa do inverno, e algumas luzes da cidade já estavam acesas. A iluminação da cidade é um espetáculo à parte. Nunca pensei que chinês gostasse tanto de luz e neon; tudo brilha até às 23 horas. Há inclusive algumas fachadas inteiras de prédios (e eles são altos) projetando imagens e propagandas em alta resolução.

Esse caminho chamou minha atenção porque vem beirando por um bom tempo o Lujiazui de lado antes de entrar na ponte. É possível ver toda a curva do rio, todo o conjunto de prédios e um bom pedaço do Bund, já na margem oeste. O Bund é uma área antiga e tradicional cartão postal da cidade, com edifícios baixos em vários estilos entre eles o ArtDeco (Shanghai tem uma das mais ricas coleções de arquitetura ArtDeco do mundo), do início do século passado, antigo centro financeiro e de comércio. O conjunto todo – ponte, Lujiazui e Bund – é lindíssimo.

O trajeto levou mais de uma hora, pois os escritórios da empresa ficam no final leste de Puxi, já próximos ao outro aeroporto, Hongqiao. Esse foi recentemente todo reformado e ampliado e agora conta também com uma ala internacional. É o terceiro mais movimentado da China, depois do de Beijing⁴.

Cheguei no hotel quase às 8 da noite, exausta, acabada. Enquanto esperava para fazer o check-in, peguei uma balinha de um pote sobre o balcão, pois precisava mastigar alguma coisa, afinal tinha passado o dia tomando chá e água quente. Ao final do dia, a China tinha se apresentado e dado uma boa ideia de como seria nosso relacionamento: intenso, fascinante e difícil.

³ Puxi em chinês simplificado 浦西, ou PuXi, significando a “oeste do (Huang)pu”.

⁴ Beijing em chinês simplificado 北京, ou BeiJing, significando “capital do norte”.